

CRUZANDO O LIMIAR DO PENSAMENTO – SABEDORIA E CUIDADO DE SI*

CROSSING THE THRESHOLD OF THOUGHT – WISDOM AND SELF-CARE

Ricardo Valim**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a sabedoria como experiência existencial, por meio de um diálogo entre a filosofia de Sócrates e o pensamento indígena de Davi Kopenawa. A metodologia adotada é teórico-reflexiva, fundamentada na análise de obras de autores como Pierre Hadot, Éric Weil, Platão e o próprio Kopenawa. O texto busca articular a tradição filosófica ocidental com epistemologias indígenas e decoloniais, propondo uma abordagem que valoriza a diversidade dos modos de saber. A partir dessa interlocução, o artigo destaca que tanto Sócrates quanto Kopenawa compreendem a sabedoria não como um acúmulo de conhecimentos, mas como uma prática ética, enraizada na escuta atenta, no autoconhecimento e na coerência entre o que se diz e o que se faz. Ambos enfatizam a importância do cuidado de si como base para uma relação responsável com o outro e com o mundo. A escuta, nesse contexto, é entendida como uma atitude de abertura e humildade diante do saber alheio e da vida em sua complexidade. Conclui-se que a filosofia deve estar enraizada na vida concreta e disposta ao diálogo intercultural, promovendo uma escuta profunda que favoreça a transformação interior e coletiva, articulando sabedoria, ética e resistência diante das crises contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: pensamento; xamã; sabedoria; filosofia; cuidado de si.

ABSTRACT

The article aims to reflect on wisdom as an existential experience, through a dialog between the philosophy of Socrates and the indigenous thought of Davi Kopenawa. The methodology adopted is theoretical and reflective, based on an analysis of works by authors such as Pierre Hadot, Éric Weil, Plato and Kopenawa himself. The text seeks to articulate the Western philosophical tradition with indigenous and decolonial epistemologies, proposing an approach that values the diversity of ways of knowing. From this interlocution, the article highlights that both Socrates and Kopenawa understand wisdom not as an accumulation of knowledge, but as an ethical practice, rooted in attentive listening, self-knowledge and coherence between what one says and what one does. Both emphasize the importance of self-care as the basis for a responsible relationship with others and with the world. Listening, in this context, is understood as an attitude of openness and humility towards the knowledge of others and life in its complexity. The conclusion is that philosophy must be rooted in concrete life and willing to engage in intercultural dialogue, promoting deep listening that favors inner and collective transformation, articulating wisdom, ethics and resistance in the face of contemporary crises.

KEYWORDS: thought; shaman; wisdom; philosophy; self-care.

* Artigo recebido em 20/05/2025 e aprovado para publicação em 10/11/2025.

** Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Filosofia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: ricardovalimfilosofia@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a filosofia e a sabedoria, utilizando como pontos centrais as abordagens de Pierre Hadot, Éric Weil, Sócrates e Davi Kopenawa, além de um elo entre essas perspectivas e as tradições decoloniais e indígenas. O texto promove um diálogo fascinante entre o pensamento ocidental e a sabedoria ancestral dos povos indígenas, especialmente os Yanomami.

Há uma explicação clara sobre a importância da filosofia enquanto prática de vida e o papel da escuta ativa. No caso de Sócrates, isso se manifesta em seu método dialético, no qual ele busca questionar e transformar a sabedoria não por meio de respostas definitivas, mas por meio de um processo constante de questionamento, introspecção e autoconhecimento. Hadot (2014b) traz à tona que a filosofia, para Sócrates, não é meramente teórica, mas vivida, algo que deve se refletir na vida cotidiana e nas relações com os outros.

A obra de Davi Kopenawa (2015), por outro lado, oferece uma perspectiva xamânica e espiritual, destacando a sabedoria que transcende o conhecimento racional e que é profundamente enraizada nas experiências coletivas e nas práticas espirituais dos Yanomami. O conceito de sabedoria para Kopenawa (2015) está intimamente ligado ao vínculo com os ancestrais, com os espíritos e com a natureza, e não com as abstrações ou teorias escritas, como as *peles de papel* mencionadas por ele.

A interseção entre essas duas abordagens – a filosofia socrática e a sabedoria Yanomami – desafia a visão tradicional de sabedoria e conhecimento como algo apenas racional e acumulativo. Ambas as perspectivas ressaltam a importância do autoconhecimento, do cuidado de si e da reflexão profunda sobre a vida, sendo que, para os Yanomami, o saber envolve uma escuta atenta à natureza e aos espíritos, o que implica um cuidado também (Valim *et al.*, 2025d, p. 8), enquanto, para Sócrates, envolve a busca incessante pela verdade por meio do questionamento.

O conceito de *cuidado de si* surge como um eixo central de reflexão, tanto em Sócrates quanto em Kopenawa. Para Sócrates, esse cuidado implica um processo contínuo de autocrítica e autoaperfeiçoamento que, ao mesmo tempo, está intrinsecamente ligado ao bem coletivo, à busca por uma vida ética e justa. Para Kopenawa (2015), o cuidado de si se manifesta também na responsabilidade ética de preservar e proteger a sabedoria ancestral¹,

¹ Nesse sentido vale conferir o seguinte documentário (Jornalismo TV Cultura, 2022): Em 2025, a Terra Indígena Yanomami completa 30 anos desde sua demarcação oficial. No entanto, a garantia legal de seu território não foi acompanhada por uma proteção efetiva. A presença de atividades ilegais, como o garimpo e a

além de assumir uma postura ativa no contexto de luta e resistência do povo Yanomami frente às ameaças externas.

Além disso, a abordagem decolonial proposta por Valim (2024) amplia a discussão, convidando a uma valorização de outras epistemologias e formas de conhecimento, que não se limitam à tradição ocidental, mas que dialogam com cosmovisões indígenas, tornando-se assim um convite para reconfigurar a compreensão do ser humano, do mundo e da própria filosofia.

Esses pontos que conectam a sabedoria, a escuta e o cuidado de si, seja no contexto de Sócrates seja no de Davi Kopenawa, demonstram a universalidade e a atemporalidade de algumas questões filosóficas e espirituais, além de abrir um espaço para que diferentes formas de saber possam se enriquecer mutuamente em um contexto de respeito e diálogo.

PARA ALÉM DAS *PELES DE PAPEL*: SABEDORIA, FILOSOFIA E A ESCUTA DE OUTROS MUNDOS

A filosofia não se reduz a uma elaboração teórica desvinculada da existência concreta, mas configura-se como uma prática transformadora da vida. Conforme destaca Hadot (2014b, p. 18-19), “a filosofia não é senão o exercício preparatório para a sabedoria”, evidenciando que teoria e prática não se opõem, mas se entrelaçam numa experiência unitária e indissociável. A reflexão filosófica, nesse horizonte, exige do sujeito um duplo movimento: de um lado, o exercício do diálogo com o outro; de outro, o mergulho introspectivo que o conduz ao questionamento de si mesmo. Ambos os movimentos – dialógico e interiorizante – são fundamentais para o desvelamento da verdade e a superação das sombras da ignorância. É nesse processo que “a luz da verdade possa adentrar a escuridão de nossa ignorância” (Franceschini *et al.* 2021, p. 75).

Nesse contexto, Hadot (2014b, p. 20) propõe uma ressignificação do termo “discurso”, afastando-o de sua compreensão comum, associada a construções ideológicas – como os

extração não autorizada de madeira, tem provocado a degradação ambiental da região, comprometendo os ecossistemas locais, contaminando os cursos d’água e colocando em risco a sobrevivência do povo Yanomami. Entre os anos de 2020 e 2021, observou-se um aumento de 46% nos índices de desmatamento na área, evidenciando a intensificação das pressões sobre a floresta e seus habitantes originários. Nesse contexto, destaca-se a atuação do líder indígena Davi Kopenawa Yanomami, cuja trajetória de defesa dos direitos dos povos originários e da preservação da Amazônia tem alcançado reconhecimento internacional. Ao longo de sua carreira, Kopenawa foi recebido por diversas autoridades mundiais, incluindo chefes de Estado e monarcas. Sua luta foi reconhecida com prêmios de grande relevância, como o Global 500 da Organização das Nações Unidas, a Ordem do Mérito do Brasil e, em 2019, o Right Livelihood Award, na Suécia, frequentemente referido como o “Nobel Alternativo”.

discursos racistas ou extremistas –, para pensá-lo como expressão do “pensamento discursivo” filosófico, presente tanto na oralidade quanto na escrita. Tal discurso, longe de ser um mero exercício retórico ou um acúmulo de conceitos, integra o modo de vida filosófico, servindo como ferramenta para a conversão do olhar e o cultivo da sabedoria.

Assim, a filosofia se constitui como um caminho de transformação do sujeito, alicerçado em práticas discursivas que o colocam em constante escuta, tanto do outro quanto de si. Nesse processo, emerge a consciência de nossos próprios limites diante da sabedoria, revelando a filosofia não como um saber acabado, mas como uma busca incessante, marcada pela humildade e pela abertura à verdade.

A prática filosófica, longe de ser uma construção abstrata enraizada apenas na razão pura, emerge do confronto direto com a realidade vivida. A filosofia nasce da vida ativa (Valim *et al.* 2025c, p. 8; 10), como uma resposta crítica e existencial ao mundo. Tal concepção aproxima-se da leitura de Éric Weil (2012, p. 26), para quem o filósofo, embora movido pela busca da sabedoria, não é um sábio: sua tarefa é paradoxal, pois consiste em um discurso que busca, de certa forma, sua própria anulação. Ao exercer a crítica e a negação, o discurso filosófico se sustenta na oposição constante ao que é considerado intolerável, mantendo-se assim em permanente movimento.

Pierre Hadot (2014b), por sua vez, aprofunda essa compreensão ao rejeitar qualquer cisão entre discurso filosófico e modo de vida. Para ele, a filosofia é inseparável da experiência concreta do filósofo – o que se expressa de maneira emblemática na figura de Sócrates: “Pode-se separar o discurso de Sócrates da vida e da morte de Sócrates?” (Hadot, 2014b, p. 21), questiona o autor, sublinhando que o pensamento filosófico, mais do que uma teoria, é também uma prática de transformação. Assim, o discurso filosófico adquire um valor espiritual, capaz de operar mudanças interiores tanto em quem o profere quanto em quem o escuta ou lê (Hadot, 2014a, p. 21). Nesse sentido, o discurso filosófico, segundo o próprio Hadot, não deve ser reduzido a um mero exercício teórico, mas compreendido como manifestação concreta de um modo de vida que visa à sabedoria e a ama (Hadot, 2014a, p. 92).

Essa perspectiva torna-se ainda mais potente quando inserida no horizonte de uma crítica decolonial. Destaca-se que o reconhecimento da diversidade cultural permite deslocar o pensamento filosófico de seu eixo ocidentocêntrico (Valim, 2024, p. 92), abrindo-se a outras formas de conhecimento e sabedoria. Ao valorizar epistemologias não ocidentais, é possível reconfigurar as bases mesmas da filosofia, promovendo uma escuta sensível às diferentes

cosmovisões que compõem a experiência humana. Tal escuta é também pedagógica. Nas palavras de Incerti (2008, p. 8), a escola pode constituir-se como um espaço privilegiado para o cultivo de uma “cultura da escuta”, em que a pluralidade de saberes seja reconhecida e acolhida.

Nesse contexto, o ensino de filosofia assume um papel transformador: ao ir além dos cânones tradicionais, ele não apenas amplia o repertório teórico dos estudantes, mas também os convida a um encontro com saberes ancestrais e vivências diversas. Esse novo paradigma do conhecimento, construído em diálogo com múltiplas tradições, permite uma reconexão com a totalidade da vida (Valim, 2024, p. 93-94; 108; 123; Valim, 2025b, p. 179) – uma filosofia viva, enraizada na existência, aberta à escuta e orientada pela transformação.

Inclusive Boaventura Souza Santos (2008, p. 31) em seu texto *A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal* defende que os saberes não atuam isoladamente, mas em diálogo dentro de contextos sociais concretos. Eles se interpelam e se transformam quando confrontados com problemas reais que, sozinhos, não se conseguiriam resolver. Essa troca entre diferentes formas de conhecimento – chamada de ecologia de saberes² – surge da limitação de cada saber individual e da necessidade de enfrentar coletivamente desafios práticos da vida. Descobrimos inclusive que o “[...] cuidado de si, as práticas de si, são anteriores ao pensamento filosófico socrático como, além disso, poderia envolver uma gama de práticas ameríndias, já que o *cuidado de si tem sua origem num fundo pré-filosófico xamânico*” (Leopoldo, 2020, p. 122-123).

Davi Kopenawa (2015, p. 27), em *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, oferece uma crítica contundente à racionalidade ocidental, afirmando que os “brancos [...] são engenhosos, é verdade, mas carecem muito de sabedoria”. Para ele, a sabedoria não se encontra nas teorias escritas, nas “peles de papel” (Kopenawa, 2015, p. 13), mas na escuta dos ancestrais e na relação com os espíritos (*Xapiri*). Ele afirma: “É esse o nosso modo de estudar e, assim, não precisamos de peles de papel” (Kopenawa, 2015, p. 458). A sabedoria Yanomami, portanto, é de outra ordem, não sistemática nem acumulativa, mas experiencial e espiritual.

² O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos propõe a ideia de uma ecologia de saberes (Cumulus TV, 2021), na qual o conhecimento científico-acadêmico e os saberes populares ou tradicionais são compreendidos como complementares, possibilitando um diálogo horizontal entre diferentes formas de produção do conhecimento.

O relato d'*A queda do céu* está envolto na questão da exigência de um cuidado, mesmo que seja por meio de uma narrativa que coloque o medo (*phóbos*) à tona como uma emoção (*páthe*) importante. Geralmente, quando se pensa o medo, o ponto abordado é como ele seria um afeto limitador, uma *paixão triste* no sentido spinozista, uma força que paralisa o sujeito até ele estar amarrado à inação. Este sentimento estaria estreitado com outro que é a covardia. Se pensarmos o contrário do medo encontramos a *coragem* e o *destemor*. A palavra coragem em latim deriva da palavra *cor* (“coração”). O órgão cardíaco seria a sede desse sentimento. Por sua vez, a palavra *des-temor* é aquele sem *timor* (“sem medo, sem temor”), que deriva de outra palavra latina interessante que é *timere* (“recear”), ou seja, aquele que tem medo receia algo, zela por algo, cuida de algo. O que há de grande é ter o medo na ponta dos lábios; assim, é essencial compreender n'*A queda do céu* um valor heurístico para o medo, ou ainda, pensarmos numa *heurística do receio e do cuidado*, ou ainda, numa *ecologia do medo*. Um medo ativo que não paralisa o sujeito nem se torna uma paixão triste, mas uma ecologia do medo que o impulsiona, um medo que cuida de algo. Assim sendo, o medo que nos interessa é um medo que se entrelaça ao zelo (Leopoldo, 2020, p. 124).

Nesse sentido, a partir da escuta dos outros, no caso os indígenas aqui representados por Kopenawa³, o medo se transforma em uma força que impulsiona e protege, revelando zelo e responsabilidade diante da vida e da floresta. Assim, essa perspectiva propõe uma heurística do medo como forma de sabedoria e cuidado, integrando emoção e conhecimento em uma ética profundamente conectada com o mundo natural. Diante do assombro existencial proveniente da natureza pelo ser humano (Hadot, 2014b, p. 28) é que os primeiros filósofos gregos romperam com as explicações míticas do mundo e propuseram, em seu lugar, uma racionalidade fundada na *physis* (φύσις). Nota-se que romperam, porque partiram dessa realidade. Só pode haver rompimento a partir de um ponto, no caso aqui a própria natureza e os mistérios mitológicos nela contidos. Essa ruptura marca o início de uma tradição filosófica que viria a moldar o pensamento ocidental. No entanto, o discurso de Kopenawa, em *A queda do céu* (2015), deixa transparecer que há outras formas de compreender o mundo, sustentadas por tradições que preservam o vínculo com os mitos, os espíritos e a ancestralidade. No caso, para os Yanomami, a vida não é apenas φύσις: ela é espírito, relação e escuta também.

Dessa forma, a filosofia, enquanto modo de vida e discurso transformador, deve permanecer aberta ao diálogo com outras formas de sabedoria, por exemplo o pensamento indígena. A crítica de Kopenawa (2015) e a análise de Hadot (2014b) nos levam a considerar que um pensamento verdadeiramente filosófico não pode ser desvinculado da vida, tampouco ignorar os saberes que emergem das experiências de outros povos. O discurso filosófico,

³ Temos plena consciência ética de que, embora Davi Kopenawaseja um importante representante de seu povo, suas afirmações e conclusões não necessariamente refletem o consenso entre os diversos povos indígenas e suas distintas perspectivas e interesses. No entanto, considerando a relevância de sua produção intelectual e a força de sua palavra como liderança reconhecida, optamos por utilizá-lo como referência neste artigo, sempre com profundo respeito à diversidade e às especificidades socioculturais dos povos indígenas.

portanto, só adquire legitimidade quando está enraizado em uma existência concreta e aberto à pluralidade de mundos possíveis.

SABEDORIA COMO CAMINHO: ENTRE A *FILOSOFIA* DE SÓCRATES E O *SABER XAMÂNICO* DE DAVI KOPENAWA

Ao longo da história do pensamento ocidental, poucos personagens exerceram influência tão duradoura e enigmática quanto Sócrates (470 a.C.–399 a.C.). Retratado nas obras de seu discípulo Platão (428 a.C.–347 a.C.), o filósofo ateniense tornou-se uma figura paradigmática da atitude filosófica: não apenas pela força de sua argumentação, mas, sobretudo, por seu comprometimento ético com a verdade e sua incansável busca de autoconhecimento. Tal como Davi Kopenawa, cuja voz também ecoa como expressão de sabedoria ancestral e crítica profunda da realidade, Sócrates impressiona não apenas pelo conteúdo de suas palavras, mas pela radicalidade de sua vivência filosófica.

Sua presença cativante advinha, em parte, de sua capacidade de tornar-se próximo, acessível – um pensador do cotidiano. Era um homem dos espaços públicos, dos banquetes e das conversas informais, mas também alguém profundamente voltado à interioridade. Como observa Pierre Hadot (2014b, p. 53; 70; 81), a postura socrática se caracteriza por uma tensão constante entre o diálogo com os outros e o recolhimento consigo mesmo. Essa tensão é exemplarmente retratada por Platão no Συμπόσιον, *Symposion* (*O banquete*), quando Sócrates, ausente do início da celebração, é encontrado em um momento de profunda concentração. Segundo Aristodemo: “Ao longo do caminho, Sócrates, completamente absorvido em sua meditação interior, tendia a ficar para trás [...]”⁴ (Platone, 2016, 174d, tradução nossa). Esse episódio não é mero detalhe narrativo, mas revela a essência da filosofia como modo de vida – conceito central na leitura de Hadot (2014b). A atitude socrática não se resume a uma prática dialógica; ela implica também um movimento de interiorização, de escuta de si. Trata-se de um exercício espiritual, uma busca por sentido que se manifesta tanto na presença entre os outros quanto no silêncio da própria consciência. É nesse entrelaçamento entre a vida cotidiana e a experiência filosófica que reside a potência transformadora de Sócrates – não como um mestre que ensina respostas, mas como alguém que convida ao questionamento incessante. Ademais, ao final do encontro, enquanto todos os demais estão

⁴“Durante Il cammino Socrate, completamente assorto in una sua meditazione interiore, tendeva a restare indietro [...]” (Platone, 2016, 174d).

embriagados, Sócrates permanece sóbrio, o que atesta seu *domínio de si* e sua constante vigilância filosófica (Hadot, 2014b, p. 70). Tal comportamento revela sua busca por um plano distinto daquele movido pelas paixões: o plano da reflexão e do conhecimento.

A experiência filosófica vivida por Sócrates é marcada por uma singular disposição diante do saber: não a posse da verdade, mas o desejo por ela. Nessa perspectiva, o discurso socrático, como argumenta Hadot (2014b, p. 72), inscreve-se em uma ordem distinta, pois não se alinha nem à arrogância do saber dogmático nem à passividade da ignorância. O filósofo, segundo Hadot (2014b, p. 78; 81), ocupa um lugar intermediário – entre o saber e o não saber –, configurando-se como um mediador, alguém que realiza uma autêntica experiência amorosa com a sabedoria. É esse amor – *φίλος*, *philos*– que funda a identidade do filósofo, cujo maior prazer consiste não na acumulação de verdades, mas no deleite da busca, no prazer do conhecimento que se renova a cada interrogação.

Essa dimensão erótica e mediadora da filosofia socrática ganha ainda mais densidade quando se considera o silêncio como um de seus legados mais profundos. De acordo com Incerti (2023, p. 49), na cultura grega antiga, o silêncio era um elemento fundamental da relação entre o humano e o divino. Havia, nesse contexto, uma assimetria comunicacional entre a linguagem dos homens e a linguagem dos deuses – um descompasso que exigia do interlocutor humano não respostas, mas escuta. O Oráculo de Delfos, ao proclamar que “ninguém é mais sábio que Sócrates”, não conferia a ele um estatuto de superioridade, mas suscita nele uma reflexão silenciosa e inquieta, que marcaria toda a sua trajetória filosófica.

Assim, o verdadeiro rosto do filósofo se delineia: não aquele que proclama verdades, mas o que permanece atento, escutando, interrogando, silenciando-se. A filosofia, nesse horizonte, é menos um sistema de doutrinas e mais uma forma de estar no mundo – entre o saber e o não saber, entre a linguagem e o silêncio, entre o humano e o divino. Amar a sabedoria, como Sócrates o fez, é aceitar habitar esse intervalo. Esse mesmo movimento de escuta e introspecção aparece entre os Yanomami, cujas práticas xamânicas⁵ – como o uso da *yãkoana* – permitem uma forma mais profunda de conhecimento, acessível apenas por meio de vivências litúrgicas coletivas (Kopenawa, 2015, p. 137-481). Kopenawa (2015, p. 137) descreve que sem a *yãkoana* “não se sonha de verdade”, pois é ela que permite aos xamãs sonhar com os espíritos (*xapiri*) e, com isso, acessar realidades invisíveis ao olho humano. Alerta também sobre o risco de destruição da natureza e do caos que pode descer até nós,

⁵ A esse respeito é válido considerar a dissertação de mestrado de Oliveira (2019) como um importante estudo dessas e de outras questões referentes ao xamanismo.

alimentado pela morte dos xamãs e manifesta seu desejo de que “gostaria que os brancos escutassem nossas palavras e pudessem sonhar eles mesmos com tudo isso” (Kopenawa, 2015, p. 491). Aliás, é digno de nota que “o sonho é a única barreira que resta, a única ‘condição natural’ que subsiste e que o capitalismo não consegue eliminar” (Crary, 2014, p. 84), com sua pretensa ilusão de liberdade (Stengers, 2015, p. 25). Rafael Leopoldo (2016, p. 167-168) em seu texto *O sombrio sonho d'A queda do céu* diz que “nesta altura talvez pudéssemos afirmar que o sonho ameríndio produz a sua cosmopolítica, e que enquanto o sonho ocidental tem o desejo de eliminar o sonho, o sonho ameríndio não cessa de procurar um novo estado de consciência para vivenciá-lo”. E mais tarde em outro texto de sua coautoria com Roberto Starling intitulado *Ética e Xamanismo* diz que “[...] gostamos de pensar *A queda do céu*... como um grande manifesto político-ameríndio. Devido, também, à sua grandiosidade filosófica, com certeza, ele será fecundo numa gama enorme de abordagens que já são produzidas” (Leopoldo, 2020, p. 132). Nota-se que a *A queda do céu* (2015) traz consigo essa vivência que se traduz num conhecimento que ultrapassa o sensível e seu arcabouço de materialidades, orientando a sabedoria necessária à vida Yanomami. Tal como Sócrates, Kopenawa evidencia que o verdadeiro saber advém de um trabalho interior de reflexão sobre o próprio pensamento e sobre a condição humana. A partir desse precioso movimento de introspecção é que o ser humano poderá atingir a consciência de que o que deve prevalecer de agora em diante é que:

Agora existe apenas um sonho, que supera todos os outros: o de um mundo compartilhado cujo destino não é terminal, um mundo sem bilionários, que vislumbra um outro futuro que não a barbárie do pós-humano, e no qual a história pode assumir outras formas que não os pesadelos reificados da catástrofe (Crary, 2014, p. 137).

A nobreza de sonhar com um mundo compartilhado é, acima de tudo, um ato ético e político de resistência à resignação na esperança de dias melhores para toda a humanidade.

Essa semelhança com o pensamento de Kopenawa é também visível quando Sócrates responde a Agathon no *Banquete*, ao ser convidado a se deitar ao seu lado para que a sabedoria “transborde” de um para o outro: “Seria bom [...] se a sabedoria fosse de tal natureza que pudesse fluir, tocando uns aos outros [...]”⁶ (Platone, 2016, 175d–e, tradução

⁶“Sarebbe bello [...] se la sapienza fosse di tale natura per cui potes scorrere, toccandosi l'um com l'altro [...]” (Platone, 2016, 175d–e).

nossa). Sócrates, ao ironizar, reitera que sua sabedoria é ínfima ou até ilusória, o que reforça sua posição de intermediário e de eterno aprendiz.

Tal posicionamento ético não se expressa apenas em palavras, mas também em atitudes práticas. Sócrates não se coloca como centro da cena, mas ocupa o lugar que lhe é próprio: o da mediação e do questionamento. De maneira análoga, Kopenawa (2015, p. 326; 379; 422), ao perceber a urgência de defender os interesses de seu povo, compreende que não pode aguardar passivamente, devendo ele mesmo se deslocar e atuar politicamente, mesmo nos espaços mais distantes.

Ao que tudo indica, a sabedoria, para ambos os pensadores, está associada ao esforço que transcende a superficialidade. Esse ponto merece especial atenção em tempos contemporâneos marcados por um fluxo constante de informações. Será que realmente adquirimos sabedoria ou apenas acumulamos dados não refletidos? Por isso, torna-se imprescindível a escuta atenta aos ensinamentos do filósofo, pois, como adverte Hadot (2014b, p. 54), “no diálogo socrático, a verdadeira questão em jogo não é isso de que se fala, mas aquele que fala” provocando “[...] no leitor um efeito análogo àquele que os discursos vivos de Sócrates provocavam” (Hadot, 2014a, p. 95), ou seja, um sentimento de cativante curiosidade diante do desconhecido, sem saber onde tais questionamentos irão desembocar.

É nesse sentido que o cuidado de si torna-se central. A escuta atenta deve abarcar não apenas a figura do filósofo, mas também a voz da ancestralidade indígena, que ensina a partir de suas próprias experiências (Kopenawa, 2015, p. 63; 74; 100; 529; Valim, 2025a, p. 191). Tal processo de autoconhecimento é o que permite o conhecimento genuíno do outro.

Hadot observa que, após a morte de Sócrates, surgiram diversas escolas filosóficas com visões distintas, mas todas conservaram algo em comum: “A filosofia é concebida como um discurso vinculado a um modo de vida e como um modo de vida vinculado a um discurso” (Hadot, 2014b, p. 48-49). Essa unicidade de sentido confere à filosofia um valor formativo que atravessa séculos.

Kopenawa, embora não tenha oferecido sua vida literalmente como Sócrates, expressa um profundo engajamento existencial. Sua palavra ressoa como um chamado à responsabilidade ética diante do mundo semelhante ao movimento socrático de forma pioneira (Cupello, 2021, p. 205). Como destaca Bruce Albert, seu discurso “é um discurso sobre o lugar” (Kopenawa, 2015, p. 15), e por isso possui força e autenticidade. Ambos os pensadores – Sócrates e Kopenawa – são capazes de provocar reordenações internas a partir do convite ao autoconhecimento.

A famosa máxima de Delfos, γνῶθισεαυτόν, *gnôthiseautón* (“conhece-te a ti mesmo”), é reinterpretada por Sócrates como uma missão de vida. Como assinala Platão (1972) na *República*: “Eu bem o sabia [...] que te fingirias ignorante” (I, 337a, p. 21). Sócrates, portanto, não apenas cuida de si, mas também se sente responsável pelos outros. Do mesmo modo, Kopenawa (2015, p. 74; 386) reconhece suas limitações, mas não se omite: deseja conhecer os *xapiri* e transmitir esse saber a seu povo, além é claro de uma visão mais aprofundada da própria realidade (Valim, 2025c, p. 31).

Pierre Hadot (2014b, p. 53) ressalta que Sócrates rejeita a concepção tradicional de saber, assim como Kopenawa o faz ao criticar os conhecimentos brancos depositados em “peles de papel” (Kopenawa, 2015, p. 13; 468). Ambos reformulam o conceito de saber, orientando-o a uma prática existencial transformadora. O método socrático, a maiêutica (*maieutikê*), visa extrair da alma aquilo que já está latente nela, levando o indivíduo a descobrir verdades a partir de sua própria experiência (Hadot, 2014b, p. 54). O método socrático exige, portanto, uma partilha dialógica de saberes na busca pela verdade última, “por outras palavras, se a verdade só existe como busca da verdade, o saber só existe como ecologia de saberes” (Santos, 2008, p. 27), dando este caráter de que o conhecimento se constrói na interação entre diferentes perspectivas e formas de saber.

A mesma transformação ocorre com aqueles que entram em contato com a obra *A queda do céu*. Kopenawa (2015) nos oferece uma cosmologia que convida a repensar a vida a partir de suas múltiplas dimensões – material, espiritual e humana. A partir do percurso proposto por Sócrates e Kopenawa, compreende-se que a existência transcende os sentidos e requer uma abertura reverente à própria ignorância diante do mistério da vida. Essa transformação exige coerência entre discurso e ação. Sem essa correspondência, a palavra perde sua força. Por isso, o cuidado de si torna-se o próximo eixo de reflexão, pois é ele que possibilita ao sujeito reconhecer suas falhas e elaborar estratégias para superá-las em direção a uma vida mais significativa e autêntica.

O CUIDADO DE SI EM SÓCRATES E KOPENAWA: DIÁLOGO, ESCUTA E ÉTICA NA CONSTRUÇÃO DO SER

Os diálogos socráticos têm uma característica muito interessante, como já demonstrado, têm como objetivo romper com os padrões educacionais vigentes em sua

época⁷. À medida que o colóquio se desenvolve, os interlocutores de Sócrates transitam da certeza de suas convicções para a instabilidade provocada pelas inquietações suscitadas pelos questionamentos do filósofo. Esse movimento de transição das certezas para a introspecção meditativa indica um chamamento para algo mais profundo: o próprio ser, que precisa se apropriar de seus saberes, mas que carece de uma maior profundidade. Nesse sentido, Pierre Hadot (2014b, p. 56) observa que “esse apelo ao ‘ser’ Sócrates o exerce não somente por suas interrogações, sua ironia, mas também e, sobretudo, por sua maneira de ser, seu modo de vida, seu ser mesmo”. Assim, quem se depara com Sócrates inevitavelmente se coloca em questão. Sua singularidade e o fascínio que provoca são capazes de “[...] exercer uma espécie de atração mágica” (Hadot, 2014b, p. 57).

De maneira análoga, o pensamento indígena, especialmente o de Davi Kopenawa Yanomami, também se destaca pela capacidade de estabelecer diálogos não apenas com seres humanos, mas com outros seres reconhecidos pela cosmovisão Yanomami, como espíritos e animais (Kopenawa, 2015; Valim., 2025b, p. 181). Essa dialogicidade, embora transcenda a organicidade da vida, depende de uma corporeidade para estabelecer de forma eficaz essa via dialógica. Como afirmam Taylor e Viveiros de Castro (2019, p. 775), a capacidade de interagir verbalmente, a consciência de se possuir um corpo humano, adornado com pinturas e ornamentos, e o saber agir sobre o outro e sobre a matéria formam a interioridade do “membro de um coletivo”, ou seja, da “pessoa”, tal como é concebida pelos povos amazônicos.

A coletividade é, de fato, um componente essencial para compreender a interioridade dos povos indígenas, em especial os Yanomami. Essa interioridade é constituída por um conjunto de práticas culturais que, aos olhos externos, formam a essência de um domínio público e compartilhado por todos (Taylor; Castro, 2019, p. 776). É por meio da comunidade que a corporeidade do indivíduo se forma, refletindo *os aspectos ancestrais e coletivos que moldam o cuidado de si*⁸. Assim, Davi Kopenawa só pode ser plenamente compreendido a

⁷ O professor Gabriele Cornelli, vinculado ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), e o mestrando em Metafísica e jornalista Henrique Fróes realizam um diálogo (UnBTV, 2017) sobre a relevância do pensamento de Sócrates para o campo educacional. A conversa explora como os ensinamentos socráticos ainda influenciam práticas pedagógicas atuais, especialmente no que diz respeito à reflexão crítica, ao diálogo e à formação ética.

⁸ Esse aspecto revela-se fundamental para as culturas indígenas, e o documentário Best Documentary (2023) ilustra, de maneira significativa, os desafios enfrentados pelos indígenas de Papua-Nova Guiné. O *Festival Sing-Sing*, uma importante celebração da diversidade étnica e cultural do país, evidencia não apenas a riqueza das expressões tradicionais, mas também expõe as contradições sociais marcadas por violência tribal, desigualdade econômica e instabilidade urbana. Também é uma importante ferramenta referente ao cuidado para com as novas gerações por meio da sabedoria da ancestralidade. A capital, Port Moresby, constitui o

partir de sua vivência comunitária e das experiências significativas que ele compartilha desde a infância (Kopenawa, 2015, p. 50, 539, 542, 564), experiências essas que se entrelaçam com um destino comum, tanto no campo político quanto econômico. As vivências nas comunidades coletivas são fundamentais para o fortalecimento ético e moral do indivíduo, guiando-o na superação do seu “velho eu”.

Os valores, portanto, emergem das condições que regem a vida. Joseph Campbell (1990, p. 115) ilustra essa dinâmica ao comparar os caçadores e agricultores: enquanto a vida do caçador é voltada para a relação com os animais e sua mitologia é orientada para o exterior, a mitologia do agricultor, ligada ao ciclo da planta, é voltada para o interior. Para os caçadores, são os animais que inspiram a mitologia, enquanto para os agricultores, quem ensina são as plantas. Essa relação com o mundo natural estabelece uma interioridade profunda, refletindo o ciclo de vida humano.

Antes de ser autônomo ou autossuficiente, um indivíduo só pode ser entendido em relação ao que está fora dele, a uma alteridade que o enfrenta. Apenas nesse estado de vulnerabilidade pode haver uma abertura para as relações de dependência que mantêm a sociedade. No entanto, vivemos um momento histórico no qual essa condição nua de exposição foi desarticulada de sua relação com formas coletivas que, ainda que de maneira tímida, ofereciam salvaguarda ou proteção (Crary, 2014, p. 30).

Tanto os valores quanto a subjetividade são fenômenos históricos e relacionais, e que a crise atual decorre, em parte, da ruptura dessas relações fundantes com o outro, com a natureza e com o coletivo.

A psicologia dos povos indígenas está profundamente ligada às relações horizontais e verticais que estabelecem com o mundo terreno e celeste (Kopenawa, 2015, p. 76). A pessoa parte sempre de um único ponto: suas primeiras impressões no mundo, que constituem sua

epicentro dessas tensões. Relatos apontam que, no verão passado, um confronto entre clãs resultou em 32 mortes – episódio que, apesar da gravidade, é apenas um entre muitos em um cenário de violência endêmica. Em áreas urbanas, a polícia enfrenta cotidianamente gangues armadas conhecidas como *Raskols*, em uma luta caracterizada por repressão severa e ausência de políticas públicas eficazes. Em 2020, Port Moresby foi classificada como a segunda capital mais violenta do mundo, atrás apenas de Caracas, na Venezuela. As mulheres são especialmente vulneráveis nesse contexto de insegurança generalizada. Estudos indicam que cerca de 80% dos homens admitem agredir fisicamente suas parceiras, e estima-se que uma em cada duas mulheres será vítima de estupro ao longo da vida. A infraestrutura de apoio às vítimas é escassa, e os autores desses crimes raramente são responsabilizados judicialmente. A corrupção sistêmica agrava ainda mais o quadro. Embora a Papua-Nova Guiné possua vastas reservas minerais, que impulsionaram um expressivo *boom* imobiliário na última década, os benefícios desse crescimento concentram-se em uma minoria politicamente privilegiada. Assim, o país configura-se como um espaço de contrastes: ao mesmo tempo que ostenta potencial econômico significativo, enfrenta desafios profundos relacionados à justiça social, equidade de gênero e governança pública.

realidade existencial, marcada pela originalidade. Impossível, portanto, escapar desse referencial, o que define a perspectiva do indivíduo em relação ao mundo ao seu redor. Nesse sentido, podemos afirmar que Sócrates também compreende essa dinâmica existencial, empenhando-se em explorar todas as possibilidades argumentativas que surgem dentro da realidade discursiva em que se encontra. Em sua *Apologia*, Sócrates expressa essa responsabilidade ao afirmar: “E se alguns de vocês argumentarem e disserem que estão preocupados, eu não o deixarei imediatamente e irei embora, mas o questionarei, examinarei e refutarei, e se me parecer que ele não adquiriu virtude e disser que adquiriu, eu o reprovarei por ter menos o que vale mais e ter muito o que vale pouco”⁹ (Platón, 1985, 29e, p. 168, tradução nossa). Esse compromisso incondicional com a busca pela verdade caracteriza Sócrates como um mestre comprometido com o esclarecimento, colocando a verdade acima de todo e qualquer interesse particular. Nisso consiste que “o cuidado de si socrático é aquele que convida a jogar o jogo de perguntas e respostas que conduzem ao exame das opiniões. Mas nesse jogo em busca da verdade é necessário que haja alguém disposto a dizer a verdade e outro a escutá-la” (Cupello, 2021, p. 205). Da mesma forma, Davi Kopenawa (2015) também se submete a um processo de esclarecimento progressivo, compreendendo gradualmente a dinâmica dos múltiplos mundos reconhecidos pela cultura Yanomami, o que o leva a se comprometer com a vida em sua totalidade.

Hadot (2014b, p. 60) destaca que Sócrates só pode convidar seu interlocutor a examinar-se, a pôr-se à prova, se este aceitar, junto com Sócrates, submeter-se às exigências do discurso racional, ou seja, ao *lógos* (λόγος) – a razão. Para Dos Santos (2013, p. 21), em seu artigo *Sócrates e o cuidado de si ou a terapêutica da alma*:

Toda doutrina socrática pode ser resumida nessas proposições convergentes: “conhecer a si mesmo” e “cuidar de si mesmo”. E conhecer a “si mesmo” não quer dizer conhecer o próprio nome nem o próprio corpo, mas examinar-se interiormente e conhecer a própria alma, assim como cuidar de si não quer dizer cuidar do próprio corpo, mas da própria alma. Ensinar os homens a conhecer e a cuidar de si mesmos é a tarefa suprema da qual Sócrates considera ter sido investido por deus e o faz com distinção porque conhece a alma dos homens.

O cuidado de si nasce, portanto, da superação da individualidade, atingindo uma universalidade que é representada pela razão comum entre os interlocutores. Sócrates leva seus interlocutores a prestar atenção a si mesmos, a se questionarem, porque compreende que

⁹“Y si alguno de vosotros discute y dice que se preocupa, no pienso dejarlo al momento y marchar me, sino que levo y a interrogar, a examinar y a refutar, y, si me parece que no ha adquirido la virtud y dice que sí, le reprocharé que tiene en menos lo digno de más y tiene en mucho lo que vale poco” (Platón, 1985, 29e, p. 168).

“o cuidado de si não se opõe ao cuidado da cidade” (Dos Santos, 2013, p. 19; Hadot, 2014b, p. 66), e na perspectiva indígena o cuidado para com a natureza¹⁰, buscando sempre o bem coletivo por meio do desenvolvimento da razão. Diante dessas reflexões, torna-se pertinente direcionar o olhar para a atual conjuntura política brasileira¹¹. Observa-se, em diversos espaços sociais, uma recorrente manifestação de críticas aos líderes políticos em exercício por “[...] desvio na finalidade democrática” (Mendes, 2023, p. 317). No entanto, tal posicionamento pode parecer contraditório, uma vez que, em uma sociedade democrática, esses representantes foram eleitos pelo próprio corpo social. Assim, impõem-se indagações fundamentais: até que ponto a política brasileira configura-se como um reflexo sintomático¹² da própria sociedade que a constitui¹³? Estaríamos, enquanto sociedade, exercendo um cuidado de si compatível com a dignidade e a complexidade que nossa própria condição coletiva exige?

Esse compromisso com a razão e com a verdade é igualmente valorizado pelos Yanomami. Kopenawa (2015) enfatiza que o diálogo e a escuta são elementos essenciais para entender a si mesmo e aos outros. A escuta, no contexto Yanomami, não se limita à recepção passiva de palavras, mas à reflexão ativa sobre o impacto dessas palavras em nossa identidade

¹⁰A esse respeito vale conferir o minidocumentário (Instituto Socioambiental, 2024): Como a floresta poderá se regenerar? Este é um dos questionamentos centrais levantados por lideranças indígenas no minidocumentário produzido durante o V Fórum Yanomami e Ye'kwana, realizado em setembro, na comunidade Fuduuwaaduinha, localizada na região de Auari, no estado de Roraima. O evento reuniu representantes das comunidades locais, que reivindicaram ações efetivas do Estado brasileiro voltadas à proteção da Terra Indígena Yanomami, especialmente no que se refere ao combate às invasões de garimpo ilegal. Além disso, foram demandadas medidas estruturantes nas áreas de saúde, educação e segurança alimentar, fundamentais para a garantia dos direitos dos povos originários. O minidocumentário apresenta depoimentos de lideranças indígenas e de autoridades do governo federal, que estiveram presentes para prestar contas de suas ações e ouvir diretamente as necessidades das populações afetadas. A produção também inclui imagens inéditas de um sobrevoo realizado sobre as áreas mais impactadas pela atividade garimpeira ilegal, revelando a gravidade da destruição ambiental e os desafios logísticos para a fiscalização e proteção do território. Tanto o filme quanto a carta final produzida ao término do Fórum são assinados pelas nove associações representativas da Terra Indígena Yanomami, configurando-se como importantes instrumentos de denúncia, mobilização política e afirmação dos direitos territoriais e socioculturais desses povos.

¹¹Recomenda-se a atenta leitura do pertinente artigo de Mendes (2023).

¹²Exemplo foi o que aconteceu com o Ex-Presidente da República Fernando Collor de Mello. Embora já tenha efeitos imediatos – e o ex-presidente Fernando Collor já esteja preso –, a decisão proferida nesta quinta-feira (24) pelo ministro Alexandre de Moraes ainda será submetida à análise do plenário virtual do Supremo Tribunal Federal (STF). Os especialistas Deysi Cioccare e Cristiano Vilela comentaram o caso, Jovem Pan News (2025).

¹³Em diálogo com o ator e escritor Lázaro Ramos, o historiador e professor Leandro Karnal afirma que “a corrupção é um mal social” (Canal Brasil, 2016), ao abordar a temática da ética no contexto contemporâneo. Na conversa, Karnal aprofunda a reflexão sobre os fundamentos da ética enquanto princípio orientador da vida coletiva, destacando seu papel na construção de uma cidadania crítica e responsável. Além disso, analisa os atuais movimentos sociais e políticos à luz dos desafios éticos enfrentados pela sociedade brasileira, apontando para a necessidade de fortalecer práticas democráticas e valores públicos que transcendam interesses individuais. Sua abordagem propõe uma revisão da ética como instrumento não apenas de julgamento moral, mas de transformação social e política.

e valores. A prática de escutar atenta e profundamente é essencial para o desenvolvimento do λόγος dentro de uma cultura oral. Em culturas predominantemente orais, a escuta torna-se o principal canal de acesso à verdade (Incerti, 2008, p. 2), permitindo que o λόγος seja interiorizado e subjetivado. É fundamental “dar espaço para as perguntas que a terra nos faz, tomando a responsabilidade de contar sua história, quer seja, uma nova história na qual os povos e a natureza inscrevem-se pelo viés da comunidade” (Franceschini, 2021, p. 80), nesse contexto.

A reflexão sobre a verdade, mediada pela escuta atenta, vai além de simplesmente ouvir; ela implica uma reflexão profunda sobre como as palavras ouvidas impactam nossa própria identidade e valores (Kopenawa, 2015). Sócrates, em sua *Apologia*, nos desafia a refletir sobre o verdadeiro valor da vida, afirmando que o importante não é temer a morte, mas viver de acordo com princípios éticos:

Você não se envergonha, Sócrates, de ter se dedicado a tal ocupação, pela qual agora corre o risco de morrer? Ele responde: “Você não está certo, meu amigo, se pensa que um homem que tem algum proveito precisa levar em conta o risco de viver ou morrer, mas apenas examinar, ao agir, se está fazendo coisas justas ou injustas e se age de forma adequada a um homem bom ou mau”¹⁴ (Platón, 1985, 28b, p. 165-166, tradução nossa).

Para Sócrates e para Davi Kopenawa, a verdadeira vida não consiste em preservar a existência a todo custo, mas em viver de acordo com princípios éticos e virtuosos¹⁵. A morte, para ambos, têm um caráter simbólico de entrega e purificação. Como observamos, após o fogo que tudo testa e purifica, resta o que sobrar, e isso pode significar um recomeço das cinzas (Incerti, 2022, p. 40). A busca pela justiça e pelo bem comum é o verdadeiro propósito da vida, para além do medo da morte (Cupello, 2021, p. 210; Kopenawa, 2015). Pierre Hadot (2014b, p. 61-62) observa que, embora Sócrates não saiba o valor da morte – pois esta lhe escapa –, ele conhece o valor da ação e da intenção moral, que dependem de sua escolha e

¹⁴“¿No te da vergüenza, Sócrates, haberte dedicado a una ocupación tal por la que ahora corres peligro de morir? Responde él: ‘No tienes razón, amigo, si crees que un hombre que sea de algún provecho ha de tener en cuenta El riesgo de vivir o morir, sino el examinar solamente, al obrar, si hace cosas justas o injustas y actos propios de un hombre bueno o de un hombre malo’” (Platón, 1985, 28b, p. 165-166).

¹⁵A esse respeito, vale acompanhar a seguinte entrevista (Superior Tribunal de Justiça, 2025): A mais recente edição do programa STJ Entrevista apresenta uma entrevista com Davi Kopenawa Yanomami, reconhecida liderança indígena e uma das vozes mais proeminentes na defesa da preservação das culturas originárias e do meio ambiente. Kopenawa alcançou notoriedade internacional por sua atuação em prol da proteção da Amazônia contra práticas exploratórias predatórias. Sua mobilização foi fundamental para a demarcação oficial da Terra Indígena Yanomami, efetivada em 1992. Na entrevista, o líder indígena compartilha sua perspectiva sobre os desafios contemporâneos enfrentados por seu povo, com ênfase nas ameaças representadas pelo garimpo ilegal e nas recorrentes violações ambientais que comprometem a integridade territorial e a sustentabilidade de seu modo de vida tradicional.

decisão. Decisão esta com vistas a uma harmonia entre pensamento e prática (Cupello, 2021, p. 206). Esse reconhecimento de que a morte está além do controle humano é compartilhado por Kopenawa, que igualmente reconhece sua incapacidade de controlar o destino da morte, mas enfatiza a responsabilidade moral pela vida e pelas escolhas que a constituem (Kopenawa, 2015).

A reflexão sobre a postura de Sócrates diante da tragédia existencial nos leva a considerar que o trágico é um tema atemporal, profundamente ligado à condição humana. Gazolla (2001, p. 14-15) observa que, enquanto humanos, não vivemos apenas o drama teórico, mas experimentamos diretamente as emoções e valores que atravessam esse drama. A alma humana possui um λόγος profundo que transcende o tempo cronológico, fazendo com que o trágico da Grécia clássica se manifeste como uma realidade contínua, presente em nossas próprias experiências.

Ao refletirmos sobre a responsabilidade que temos em relação à vida humana e à preservação do mundo em que habitamos (Kopenawa, 2015), percebemos que a grande questão não é o tempo que nos resta, mas o que estamos fazendo com ele. Em tempos de catástrofes ambientais, crises humanas e políticas que nos colocam diante de um mundo desencantado, com a erradicação das sombras e da obscuridade, e de temporalidades alternativas (Crary, 2014, p. 29), essa questão nunca foi tão relevante. É necessário voltar às fontes do que verdadeiramente importa: a vida humana e as relações entre todos os seres que compartilham este mundo, a fim de buscar alternativas para o cuidado de si e do outro pautadas na verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao transpor com ousadia o limiar entre a tradição filosófica ocidental e a cosmovisão indígena, somos desafiados a expandir nossos horizontes epistemológicos e a reconhecer a fecunda pluralidade que compõe a chamada ecologia de saberes. Nesse entrecruzamento, delineia-se a possibilidade de um saber que não se constrói a partir da exclusão, da hierarquização ou da colonialidade do pensamento, mas sim do reconhecimento mútuo, da escuta sensível e do diálogo intercultural.

Valores como o cuidado de si, a escuta atenta e o respeito incondicional pela vida – em suas dimensões humanas, espirituais e naturais – emergem como princípios universais que atravessam, em diferentes registros, tanto o pensamento dialógico de Sócrates quanto a

sabedoria ancestral de Davi Kopenawa. Essas tradições, longe de se oporem, oferecem vias complementares de compreensão do mundo e de si, reiterando que a sabedoria não reside apenas na razão instrumental, mas também na sensibilidade, na espiritualidade e na arte de habitar o mundo com presença ética e estética.

Esse encontro de saberes não visa à homogeneização ou à imposição de uma narrativa dominante, mas propõe um caminho de convivência epistemológica no qual a escuta do outro se torna um exercício de desapego das certezas e de abertura ao inesperado. É neste terreno fértil que o verdadeiro aprendizado se manifesta: quando permitimos que o outro nos afete, nos transforme e nos revele modos distintos – e igualmente legítimos – de existir, conhecer e cuidar.

Que essa travessia nos inspire a desenvolver uma escuta profunda, uma convivência solidária e a reconhecer nossa interdependência com todas as formas de vida. Cuidar de si é também cuidar do outro, da Terra e das forças que nos conectam. Assim, avançamos rumo a uma sabedoria que não fragmenta, mas integra – uma sabedoria que compreende que pensar é, sobretudo, viver com presença lúcida, com autenticidade radical e com a sobriedade necessária para honrar a vida em todas as suas manifestações.

REFERÊNCIAS

BEST DOCUMENTARY. **As gangues de Papua Nova Guiné**. Youtube, 17 de set. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i5Hwdb4ufEg>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito** com Bill Moyers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANAL BRASIL. **Leandro Karnal e Lázaro Ramos/Espelho**. Youtube, 9 de set. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vYmJEW7E05s>. Acesso em: 27 abr. 2025.

CRARY, Jonathan. **24/7 Capitalismo tardio e Os fins do sono**. Tradução de Joaquim Toledo JR. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CUMULUS TV. **Boaventura de Sousa Santos explica a Ecologia de saberes**. Youtube, 21 de mar. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iEUqQyaZW_Y. Acesso em: 27 abr. 2025.

CUPELLO, Priscila Céspedes. O cuidado de si socrático e a vida filosófica: perspectivas foucaultianas. **Revista Ideação**, Feira de Santana, n. 44, jul./dez. 2021, p. 202-211. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/7655>. Acesso em: 25 abr. 2025.

DOS SANTOS, Raimundo Araújo. Sócrates e o cuidado de si ou a terapêutica da alma. **Prometheus – Journal of Philosophy**, Sergipe, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 15-24, 2013. DOI: 10.52052/issn.2176-5960.pro.v1i2.722. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/722>. Acesso em: 25 abr. 2025.

FRANCESCHINI, Erica; DA COSTA, Luciano Bedin. Veio o tempo em que a terra pergunta. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 71-81, 2021. DOI: 10.18224/mos.v14i2.8734. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/8734>. Acesso em: 25 abr. 2025.

GAZOLLA, Rachel. **Para não ler ingenuamente uma tragédia grega**: ensaio sobre aspectos do trágico. São Paulo: Loyola, 2001.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. Tradução de Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014a.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2014b.

INCERTI, Fabiano. A escuta e a cultura de si: a subjetivação da verdade. **Controvérsia Revista de Filosofia**, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/editor,+80.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2025.

INCERTI, Fabiano. Édipo entre a voz, a escuta e o caminho. **Pensando - Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 14, n. 31, p. 44-54, 2023. DOI: 10.26694/pensando.vol14i31.4113. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/4113>. Acesso em: 25 abr. 2025.

INCERTI, Fabiano; CANDIDO, Douglas Borges. Encontrando as metáforas certas: um diálogo entre Karl Popper e Michel Maffesoli em torno da pós-modernidade. **Revista Ágora Filosófica**, Recife, v. 22, n. 3, p. 26-42, 2022. DOI: 10.25247/P1982-999X.2022.v22n3.p26-42. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1612>. Acesso em: 25 abr. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Indígenas Yanomami e Ye'kwana respondem**: Como recuperar a floresta? Youtube, 11 de dez. de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UGeQZL17dkA>. Acesso em: 28 abr. 2025.

JORNALISMO TV CULTURA. **Davi Kopenawa, um xamã Yanomami**. Youtube, 2 de jun. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5byN3rhbZKs>. Acesso em: 25 abr. 2025.

JOVEM PAN NEWS. **STF analisará em plenário virtual prisão de Fernando Collor**: Deysi e Vilela comentam. Youtube, 25 de abr. de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YiVevfonNms>. Acesso em: 25 abr. 2025.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEOPOLDO, Rafael. O sombrio sonho d'A queda do céu. In: DIAS, Susana; RODRIGUES, Carolina; GODOY, Ana. Dossiê Vulnerabilidade. **Revista Clima Com Cultura Científica – pesquisa, jornalismo e arte**, Campinas, Ano 3, v. 1, n. 5. p. 155-175, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/outras-edicoes/page/4/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

LEOPOLDO, Rafael; STARLING, Roberto. Ética e xamanismo. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 121-138, 2020. DOI: 10.5752/P.2177-6342.2020v11n21p121-138. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/22805>. Acesso em: 25 abr. 2025.

MENDES, Danielle Heloísa Bandeira. Ética, Cidadania e corrupção estrutural no Brasil: histórico e impasses. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 301-320, 2023. DOI: 10.11606/issn.2237-1095.rgpp.2023.215411. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/215411>. Acesso em: 27 abr. 2025.

OLIVEIRA, Yan Gabriel Souza de. **Xamanismo, ou, devir outro da filosofia**: ensaios de recepção à contra colonialidade filosófica e à cosmopolítica xamânica imanentes em 'a queda do céu'. 2019. 219 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/13501>. Acesso em: 25 abr. 2025.

PLATÃO. **República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

PLATÓN. **Diálogos I** – Apología, Critón, Eutífron, Ion, Lisis, Cármides, Hípias Menor, Hípias Mayor, Laques, Protágoras. Tradução de J. Calonge Ruiz; E. Lledó Íñigo; C. García Gual. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

PLATONE. **Apologia di Socrate** – Simposio. Tradução de Angela Cerinotti. Milano: Giunti Editore, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 11-43, 2008. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/47_Douta%20Ignorancia.pdf. Acesso: 26 abr. 2025.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA (STJ). **STJ Entrevista**: Davi Kopenawa fala sobre os desafios enfrentados pelo povo Yanomami. Youtube, 22 de abr. de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PANADIH4S50>. Acesso em: 22 abr. 2025.

TAYLOR, Anne Christine; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Um corpo feito de olhares (Amazônia). **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 62, n. 3, p. 769-818, 2019. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2019.165236. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165236>. Acesso em: 20 abr. 2025.

UNBTV. **Diálogos**: Sócrates e a Educação. Youtube, 28 de jul. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2GXmrOHh-SY>. Acesso em: 27 abr. 2025.

VALIM, Ricardo. **Ontologia e ética no pensamento indígena brasileiro**: Análise das ontologias tupi-guarani e yanomami. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2024.

VALIM, Ricardo; ALMEIDA JR, José Benedito. Do clarão das fogueiras ao brilho das telas: as projeções de si no cinema indígena. **Revista de Ética e Filosofia Política**, Juiz de Fora, v. 1, n. 28, p. 178-197, 2025a. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/46713>. Acesso em: 22 jun. 2025.

VALIM, Ricardo; BOCCA, Francisco Verardi. Quem deve (ou pode) cuidar do meio ambiente? uma reflexão filosófica-decolonial. **Clareira - Revista de Filosofia da Região Amazônica**, Porto Velho, v. 11 n. 1, p. 23-40, 2025c. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/clareira/article/view/8262>. Acesso em: 26 mar. 2025.

VALIM, Ricardo; GIACOIA JR, Oswaldo. Opoder dos afetos: uma possível leitura do corpo a partir de Espinosa e do pensamento indígena. **Guairacá - Revista de Filosofia**, Guarapuava, v. 41, n. 1, p. 172-189, 2025b. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/7889>. Acesso em: 25 mai. 2025.

VALIM, Ricardo; SOARES, Domingos Perpétuo Alves. Projeto e Contemplação como Prática Educativa de Filosofia. **Kalágatos - Revista de Filosofia**, Fortaleza, [s. l.], v. 22, n. 2, p. e25016, 2025d. DOI: 10.52521/kg.v22i2.14862. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/14862>. Acesso em: 9 abr. 2025.

WEIL, Eric. **Lógica da filosofia**. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2012.